AVEIRO, 16 DE JULHO DE 1976 — ANO XXII — NÚMERO 1117

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

A CAMINHO DO CALVÁRIO

— GOVERNO MINORITÁRIO: «a primeira queda» ?! . . .

Tomou posse e prestou juramento o

XIV PRESIDENTE DA REPÚBLICA

EM CERIMÓNIA, que durou pouco mais de uma hora, realizada ao fim da tarde de anteontem, 14 de Julho corrente, António dos Santos RAMALHO EANES tomou posse, perante a Assembleia da República, do supremo e responsabilizante posto nacional que, em exemplar sufrágio, lhe foi conferido — tendo prestado, então e ali, a constitucional declaração de compromisso: «Juro por minha honra desempenhar fielmente as funções em que fico investido e defender e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa».

No consenso geral — cremos que mesmo dos que lhe não conferiram o voto —, a verticalidade do novo Presidente é garantia do integral respeito pela palavra jurada. E o discurso com que RAMALHO EANES culminou o soleníssimo acto, transcendendo o mero circunstancionalismo do momento, foi, antes, programa de acção, bem expresso, sem tergiversações sobre texto fundamental que os Portugueses, democraticamente, debateram e elaboraram através dos seus legítimos representantes na Constituinte — «um projecto de vida colectivo» — EANES o disse — «apontando para metas concretas e estabelecendo como caminho o respeito permanente pela vontade do povo português livremente expressa». E porque — afirmou-o também — «a democracia em Portugal é possível e, sendo possível, tem de ser viável», acentuou «que todos os trabalhadores trabalhem e produzam como se impõe». E rematou: «Saibamos ser dignos do povo a que pertencemos — e que Portugal se cumpra em Portugal».

Lemos, em conceituado matutino nortenho, que a Dr.ª Manuela, esposa do novo Presidente da República, se apresentou, numa das galerias, com vestido simples e... verde — a cor da Esperança; e que o filhinho do casal, acenava de vez em quando para o seu progenitor, como quem dizia: «Pai, estamos aqui». Pois que, numa Democracia-infante — como a nossa ainda é —, cada Português, cooperando no engrandecimento desta sagrada terra lusa, queira, muito patrioticamente, dizer também: «EANES, aqui estamos!».

TEMAS NAPOLEÓNICOS III — AINDA A ITÁLIA

JORGE MENDES LEAL

> Na guerra da Itália, é onde a figura de Napoleão Bonaparte maior grandiosidade reveste; ali um herói, agora apenas nos surge como Imperador.
>
> General De Lasalle

AS últimas palavras da frase do general De Lasalle — típico oficial de «avant-garde» das legiões napoleónicas e um dos poucos de nascimento aristocrático — coincidem, talvez elucidamente, com a célebre e desiludida opinião de Beethoven sobre a mesma personagem («julgava que era um Homem, não passa dum Imperador...»).

É na Itália que as franquezas e dependências de Bonaparte começaram a ganhar forma, como um limiar de certos arranjos só aparentemente vantajosos. E é na Itália, também, que a capa do republicano tombará de vez, para ceder o passo ao Napoleão I embrionário.

Do ponto de vista militar, a campanha italiana assinala, possivelmente, o mais alto ponto do génio castrense de Bonaparte, bem cedo imposto aos antigos generais agora sob o seu comando e de quem era receável alguma desconfiança. Augereau, Massena, Kilmaine, Laharpe, Sérurier, Stengel, são problemas diversos — mas todos eles resolvidos com brilho, eficiência, numa atmosfera de entusiasmo contagiante. O apercebimento nato do tipo de guerra a travar, junto a uma frieza que não excluía dotes raros de agressividade e rapidez, viabilizaram a queda dum adversário aturdido — que nunca entendeu, verdadeiramente, quando, como e onde bater-se.

Entretanto, a facilidade e abundância do saque permitem-lhe enviar milhões ao Directório; e ainda, para que enfrentasse os encargos do exército do Reno, a Moreau. Todo este dinheiro, extraído à ponta da baioneta, há-de

Continua na 3.ª página

ECONOMIA

J. M. CANAVARRO

PARECE ser da sabedoria das nações que todos nós — os mais ignorantes inclusive — temos uma vaga consciência de que exigências desproporcionadas não poderão ser satisfeitas, e muito menos mantidos os seus resultados, sem uma base económica estável.

Ocorre-nos esta afirmação a propósito dos inúmeros ataques a essa coisa muito séria

Continua na 3.ª página

GLOSAS MARGINAIS

FREDERICO DE MOURA

«Remar contra a maré», se bem que exprima a pertinácia dos espíritos bem temperados, não justifica que, quem rema, caia na obstinação de querer subir, a remos, as Cataratas do Niágara.

Há fronteiras para tudo e, até, para a pertinácia; e, se um sujeito tem os neurónios bem aferidos, é evidente que pára no momento em que o ímpeto de vencer verifica que tem pela frente o invencível.

Querer impossíveis é uma forma de idiotia que, às vezes, consegue aglutinar admiradores, mas, apenas, porque «um tolo encontra sempre um tolo maior que o admira» e, nanja, porque o atardamento mental que traduz não seja acessível a qualquer craveira graduada pelo bom senso.

Mas, e por outro lado, o bom senso da escala é coisa tão postergada que, até, aqueles que lhe são fiéis chegam a envergonhar-se da fidelidade.

Numa sociedade em que pululam os *afirmativos*, os dogmáticos, os que vivem no banho-maria da ausência de dúvidas, erguer o indicador, cartesianamente, para fazer uma objecção, é incorrer no perigo de ser considerado gafo e exportado, consequente-

Continua na 3.ª página

NÃO ACONTECEU...

ARAÚJO E SÁ

MARIDO PORCALHÃO

JÁ diz o ditado: «Quem anda à chuva molha-se». No que toca às andanças jornalísticas — em que as «tempestades» são bem mais frequentes do que se possa supor — o velho adágio popular tem inteiro cabimento. Aliás, o povo raras vezes se engana... Na verdade, os jornalistas (que sempre deveriam andar «à chuva»!) assemelham-se muito aos toureiros: nunca sabem qual o toiro que irão lidar! Aqueles que nos lêem, ora nos dão abraços e palmadinhas nas costas, ora nos esfarrapam e nos atiram para as profundas do Inferno. Mas, como «quem corre por gosto não cansa» (é o povo também a dizê-lo), não temos que nos queixar. O jornalismo na Imprensa regional é amadorismo puro, ninguém recebe um centavo por aquilo que escreve. E, assim, «quem não estiver bem que se mude». Na parte que me toca, a «arena» não me tem criado (até ver!) problemas de maior. A minha «clientela» leitora tem primado pela gentileza e por frequentes provas de amizade — o que não quer dizer que me dê, por sistema, o «amen» repelente do sacristão de aldeia analfabeto. Estou-me a lembrar, por exemplo, de alguém que há dias me escreveu desabafando nos seguintes termos:

— Falar nos polítcos é gastar o seu «latim». Eles mudam de cor como os camaleões!

O meu amável leitor daria um excelente jornalista... (Vá pensando nisso, pois jornalis-

Continua na 5.ª página

Em Aveiro:

REUNIÃO DE UM CURSO MÉDICO

No sábado e domingo últimos, reuniu em Aveiro o Curso Médico que frequentou a Universidade de Coimbra nos anos de 1939-45.

Bastantes têm sido as reuniões de cursos (os mais diversos) nestas paragens da Ria — e sempre o Litoral fez referência àquelas de que lhe chegaram notícias. Nesta, porém, tomou parte o director deste semanário — não em tal qualidade, nem por ser médico, mas por desvanecedora gentileza de alguns dos médicos que o distinguem com a sua amizade; e, podendo assim comungar com os ilustres visitantes nas alegrias de um aliciante convívio, ouviu (com orgulho de aveirense) os encómios que lhes mereceram as belezas naturais e artísticas da nossa terra e a afabilidade das nos-

Cont. na pág. 5

Continuação da primeira página

ECONOMIA

que, em qualquer parte do mundo civilizado, se chama economia. Coisa tão séria e preocupante, que se transformou em pânico a nossa reacção ao lermos extravagante desabafo posto na boca do mais célebre economista da actualidade. Diz John Kenneth Galbraith: «ele há duas espécies de economistas: os que nada sabem e os que nem disso se apercebem».

Ora, se o sr. Galbraith não está a troçar do povo trabalhador, como pretender — assim do pé para a mão — que o simples homem da rua tome consciência da economia do seu país e se aperceba com realismo das responsabilidades que lhe cabem na reconstrução e manutenção da sua estabilidade?

É claro que podem retorquir-nos que, se não entrámos a fundo na problemática económica portuguesa, não terá sido por falta de muitos e variados professores. Ouvimos arengas sobre reservas de oiro, divisas, inflacção, ritmos de crescimento, estruturas sectoriais, degradação da produtividade, desmotivação, desemprego, produto nacional bruto, formação bruta do capital fixo, etc., etc..., e tudo isto com loquacidade e prolixidade de pasmar.

Ora, falar dessas coisas tão complicadas é indiscutivelmente falar de economia.

Então, onde está o mal, o nosso mal?

O mal está no facto dos doutos professores terem falado, terem-se preocupado, durante todo este tempo, com esses problemas, fazendo deles, todavia, uma aproximação fragmentária, não relacionada, por conseguinte, com um corpo de pensamento bem definido.

Assim e por tal processo, cada problema aparece isolado de um necessário conjunto, como se estivese a ser tratado no vácuo. Exactamente: tratado no vácuo.

Como é óbvio, o perigo inerente a uma posição fragmentária dos problemas económicos reside efectivamente na sua ausência de correlação com a totalidade da realidade económica do país.

Ao propor soluções para um problema, o economista doméstico tem dado abertura a autênticas caixas de Pândora, pondo em liberdade dez vezes mais problemas, cada qual mais importante ou mais grave do que aquele que pensara ter resolvido.

Este é, pois, o cenário em que temos vivido, não nos constando, entretanto, para nosso alívio, que John Galbraith tenha tido a honra de conhecer os famosos professores portugueses de economia, antes de produzir o supracitado desabafo.

Nas nossas lucubrações imaginamos (a anedota já é velha) que cada país tem uma vaca a que chama economia.

Cada cidadão olha naturalmente para a parte da vaca que lhe causa mais apetência. A grande maioria, segundo cremos, fixa-se gulosa nos úberes, ansiando chupar quanto leite os seus estômagos possam albergar; outros sonharão com belos bifes de lombos ou da alcatra; outros ainda, sabe-se lá, pensarão nos confortáveis sapatos que poderão fazer da pele mais tenra da barriga.

Só uma minoria muito reduzida pensará que as vacas tem boca e que, através dela, deverá manter-se e fazer crescer todo o seu sistema biofisiológico.

Só uma minoria pensará, outrossim, que é necessário dar à vaca uma alimentação racional e cuidada para que nos úberes não seque o leite.

Só muito poucos pensarão que, sem higiene apropriada, será difícil evitar comprometer o processo: alimentação da vaca-produção de leite, pela deterioração da saúde animal.

Entretanto, se a vaca morre (ou nós entre todos a matamos) poderá ser que — do mal o menos... — nos «mandem» outra: no caso, de importação.

Na melhor das hipóteses, todavia, a vaca importada virá já com os úberes adjudicados. Todo o noso trabalho, nas circunstâncias, poderá consistir, quando muito, em empregos como vaqueiros, para receber em troca do esforço quaisquer sobras, se sobras chegar a haver, depois de acertadas as contas com os fornecedores, intermediários, etc.

Com vacas ou sem vacas, teorias económicas há muitas: desde as auteras Keynesianas às risonhas Marxistas, e das boas intenções de umas e de outras não nos permitimos duvidar. Mas, se na aplicação prática, carecem de uma visão pragmática dirigida ao bem-estar geral — oferecendo direitos, mas equecendo-se de exigir deveres —, o fracasso será resultado fácil de prognosticar.

As leis da natureza, como as leis da economia, podem ser burladas, mas não impunemente, nem por muito tempo, nem muitas vezes...

J. M. CANAVARRO

TEMAS NAPOLEÓNICOS

Continuação da 1.ª página

perturbar durante algum tempo a lúcida política de William Pitt, concebida, desde 1972, num quadro de coligações em que a Inglaterra fornecia o ouro — além da marinha — e os seus aliados europeus davam os soldados. Não é por acaso que, justamente em 1797, os ingleses se encontram a braços com uma criso económico-social avassaladora e colorida de aspectos revolucionários — fábricas incendiadas, máquinas destruídas, recusa ao trabalho nos campos. Na emergência, o pulso forte de Pitt domina o impasse através de medidas duramente capitalistas, sem pejo de ultrapassar à direita os ideais do liberalismo que lhe inspirara Adam Smith. Presume-se que Bonaparte não compreende nem aproveita a gravidade da ferida britânica, que, conquanto medicada a preceito e sempre à beira da cura, sem mantem num estado de latente purulência até à Restauração francesa. Nas vésperas da invasão da Rússia, e perante a inquietadora baixa da libra, David Ricardo aconselha o seu governo a negociar a paz, isto no temor dum descalabro guerreiro que condenaria sem apelo os especuladores e — fundamentalmente — o sistema. Mas a linguagem dos economistas não prevalece sobre a tenacidade, o orgulho e o atávico sentimento nacional da Inglaterra, que, manejando com um misto de esquematização e atrevimento as suas redes vastas de comércio e de crédito — exemplarmente estabelecidas — debela sem muito esforço as mais difíceis conjunturas. Pode quase asseverar-se que nem as revoltas sociais de novo acendidas pelo Bloqueio Continental chegam a afectá-la marcantemente. A economia francesa, acreditando com cegueira nos alvores do Império e nos prodígios que o antecederam, resvalará num processo de distribuição onde a corte e seu luxo assumem as posições-chave; será muito tarde quando, nervosamente, experimenta conquistar a Europa mobilizando os operários desempregados.

Repetindo, é em 1797 que Bonaparte desfere o primeiro golpe válido no dispositivo sócio-económico inglês. Não voltará a ter em mãos semelhante oportunidade. Os escassos parágrafos dedicados por Coote, como continuador da extensa obra de Olivier Goldsmith, ao cintilante desempenho de Bonaparte na Itália, entredizem algo quanto ao desânimo da Inglaterra. Desânimo transitório, saliente-se, em breve sanado pela argúcia duma diplomacia sinuosa, mas em todos os campos utilitária.

Ponde de parte a lógica solução da marcha-passeata em direcção a uma Viena apavorada, Napoleão assina com a Austrália — que sabe fortemente subsidiada pelos ingleses — o tratado de Campoformio. Assevera Thiers que Bonaparte, na altura, se mostrou *irredutível e colérico. Resta* pensar se Thiers merece crédito...

Indiscutivelmente, e ditando condições como um senhor, apossou-se da Bélgica, Bolonha, Ferrara, Mantua, a Lombardia etc.; e dizemos «etc.» porque o restante é conseguido na execução duma intrincada política de trocas, acertada com os austríacos derrotados e que desmembra ainda mais a já dividida Itália. A liquidação da República de Veneza, convencionada previamente em Basileia contra as ordens do Directório, clarifica a índole do ditador que nada escuta, a nada atende, e muito duvidosamente se terá arrependido da morte trágica do doge Manini, fulminado de dor ao prestar juramento de fidelidade a um delegado de Bonaparte. Uma cláusula secreta de Campoformio, que prevê a entrega à França — por Francisco II da Áustria, agindo como Imperador do Santo Império —, dos países da margem esquerda do Reno situados ao sul da linha que vai de Andernach e Venlo, determinará o congresso de Rasttat e sua triste memória. Diferido para estudo das compensações — sempre compensações, desta feita devidas aos príncipes renanos — cifrar-se-á, em 28 de Abril de 1799, pelo acutilamento dos embaixadores franceses às portas da cidade. Proeza dos hussardos austríacos, que, com certeza em obediência a instruções vinda do alto, mataram à sabrada Bonnier e Roberjot.

Relembre-se: No 18 Frutidor (4 sept. 1797), Augereau, à frente de 30 000 homens e nomeado por Bonaparte para valer à República, penetra em Paris, inteira-se da traição de Pichegru e outros, prende-os. Salva-se mais uma vez a face revolucionária daquele que, no entanto, decorrido um mês e meio, declara peremptoriamente a Miot de Melito: «Julga você que é para fazer a grandeza dos advogados do Directório que triunfo na Itália? Retirem-me o comando e ver-se-á quem é o chefe. O chefe que falta à Nação.»

JORGE MENDES LEAL

Glosas Marginais

Continuação da 1.ª página

mente, para o regimen de gafarias.

É certo que, destes gafos, através da História, têm saído os inovadores, os criadores de ciência e artes, para não falar nos grandes impulsionadores do processo social e humano. Mas não andam aí aos pontapés os que têm vocação para este género de martírio.

E é desta forma que a vozearia irresponsável para a qual as certezas se constróem de farofa e que não distingue o provisório do permanente, confundindo o estafe com o granito sólido, não raro dita as leis e rasga caminhos onde o juízo tropeça e a inteligência se atola até ao pescoço.

E de que valerá calejar as mãos a fazer ranger os remos nos escalamãcs para vencer a torrente atrabiliária dos que, consciente ou inconscientemente se estão marimbando para o entendimento e para a reflexão?

Julgo que toda a gente que seja capaz de ultrapassar o nível zoológico estará apta para entender que um plenário que não saiba botânica não estará preparado para escolher um professor de botânica. E parece-me de tal modo evidente que assim seja, que me interrogo como é possível que não surjam, oriundas de todos os quadrante ideológicos, vozes responsáveis a temperar certos paroxismos que esquecem que, para escolher o tal professor de botânica, será indispensável um júri de botânicos...

A seriedade de certas coisas não pode ser encaixada dentro do esquematismo de certos *slogans* que os resumem, nem metida, à força, no seio de afirmações apriorísticas que achatem, no caminho, as dificuldades que as eriçam de espinhos.

Houve tempos negros em Portugal em que certas palavras eram *malditas* e em que certas opiniões e atitudes ideológicas eram arrumadas dentro do cercado da *heresia;* houve horas sombrias nesta Pátria de Sol em que opinar era temerário e, não raro, fazia gemer os gonzos da porta do cárcere, ou dava passaporte para o desterro ou para o exílio.

Pois, agora, que as trevas se diluíram, suponho que é tempo de não termos medo das palavras e de as não sobrecarregarmos de um sentido que elas não têm realmente, defendendo a língua de uma poluição indesejável e o espírito de um embaciamento que lhe comprometa a transparência.

Não há processo mais repulsivo do que colocar etiquetas no semelhante para o segregar, para o marginalizar, para o destinar para um regimen de lazareto. «Fascista», «reaccionário», «burguês», «elitista», «legalista», etc., são palavras que, depois de engorgitadas por uma carga espessa de peçonha pejorativa, podem ser usadas para determinar o afastamento de homens dignos do caminho de certos estupores arvorados em chefes-de-fila de correntes ditas democráticas, que de democráticas nada têm a não ser o abuso de se abocanharem palavras dignas, ensalivando-as com a baba da perfídia ou da ignorância. E, por vezes, não se contentando com o envenenar dos termos, estes falsários das ideias vão ao ponto de realizar, na língua, uma operação a que os gramáticos do futuro chamarão prostituição semântica e os moralistas de 1985 etiquetarão de homossexualização dos conceitos.

FREDERICO DE MOURA

Dar sangue, é salvar vidas

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado	AVENIDA
Domingo . . .	SAÚDE
Segunda . . .	OUDINOT
Terça	NETO
Quarta	MOURA
Quinta	CENTRAL
Sexta	MODERNA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

ALTERAÇÕES AO TRÂNSITO CITADINO

Por proposta do Dr. Joaquim Silveira, do Pelouro de Trânsito do Município aveirense, a Câmara Municipal aprovou que deixasse de ser proibido o trânsito no troço que vai da Rua 31 de Janeiro até ao Governo Civil, nesta cidade.

BARCO DE GUERRA NO PORTO COMERCIAL

Em visita integrada no «Dia da Marinha», esteve ancorado no Porto Comercial o barco-patrulha «Zambeze», que deixou aquele ancoradouro na manhã do último sábado.

VIAGENS DE FEIÇÃO TURÍSTICA

Foi recentemente criado um serviço de viagens de feição turística (por uma agência de viagens de Lisboa, de colaboração com uma firma congénere desta cidade), entre Aveiro e a cidade capital, a preços considerados módicos.

Tais viagens — com paragem na Figueira da Foz — efectuar-se-ão às segundas, quartas e sextas-feiras, com partida de Aveiro às 7 horas e chegada a Lisboa às 11.30 horas; e, às terças, quintas e sábados, com partidas de Lisboa às 17 horas e chegadas a Aveiro às 21.45 horas.

REUNIÕES DE ESCUTEIROS

Na Junta Nacional do Corpo Nacional de Escutas de Aveiro, têm vindo a realizar-se, às terças-feiras, diversas reuniões, às quais, normalmente, têm estado presentes os chefes regional e do departamento, o Secretário da Divisão Administrativa e o Assistente Religioso.

RUSGA NOCTURNA DA P.S.P.

A Polícia de Segurança Pública de Aveiro efectuou, há dias, uma rusga nocturna, das 23 às 24 horas, a fim de incrementar a vigilância que ultimamente vem exercendo nos cafés citadinos. Como resultado de tal diligência, foram conduzidos ao respectivo Comando três indivíduos que, posteriormente, acabaram por ser postos em liberdade.

ABASTECIMENTO DE ÁGUAS A POVOAÇÕES SUBURBANAS

Foi aberto recentemente um concurso para as obras de canalização da periferia da cidade que não dispunham de abastecimento, esperando-se que a adjudicação de tão importante obra se possa efectuar em data próxima — assim satisfazendo as necessidades e justas aspirações dos habitantes daqueles lugares que, até agora, se têm vindo a servir apenas de poços ou furos particulares.

AGROVOUGA-76

Vai realizar-se, de 11 a 19 de Setembro, no Rossio, a AGROVOUGA-76 (IV Exposição-Feira Regional), que este ano inclui no seu programa, entre outros, os seguintes números: Exposição de gado e concurso pecuário; Leilão de bovinos selectos; Leilão e concurso de carcaças; Mostra e prova de carnes; Exposição, prova e venda de vinhos regionais; Mostra de produtos lácteos; Exposição de material agrícola, equipamento tecnológico e industrial e de produtos industriais ligados à agricultura; e Colóquios e exposição documental.

Com o objectivo de revelar o programa definitivo da AGROVOUGA-76 (que esperamos fornecer oportunamente aos nossos leitores), a Comissão Executiva desta IV Exposição-Feira, que tem o patrocínio do Governo Civil, reuniu-se, no passado dia 13, na Junta Distrital de Aveiro, com representantes locais da Imprensa.

IV FESTIVAL DA CANÇÃO DO ILLIABUM CLUBE

O Illiabum Club vai levar a efeito, no próximo dia 2 de Outubro, o seu *IV Festival da Canção*.

O Festival, aberto a todos os autores não profissionais, terá certamente o êxito e divulgação dos anteriores. O apuramento das canções é feito por um júri, que selecciona as melhores, e a classificação será feita conjuntamente por júri especializado e pelo público assistente.

Desta realização, daremos, oportunamente, mais pormenores.

FESTAS A SANT'IAGO

Nos próximos dias 24, 25 e 26, realizar-se-ão, no lugar de Santiago, nas imediações desta cidade, os tradicionais festejos em honra do patrono daquela localidade.

No primeiro daqueles dias, as festividades serão iniciadas com uma salva de morteiros, e «Zés P'reiras» percorrerão, em seguida os arruamentos do velho lugar, para angariação de fundos.

No domingo, 25, «Dia de Sant'Iago», será celebrada missa solene, na capela que o tem como orago; e, às 16 e às 21.30 horas, haverá diversões, com a participação do conjunto «Duarte Rocha», de Aradas, e de um outro ainda por designar.

No último dia das festas, «Zés P'reiras» voltarão a percorrer as ruas de Santiago; e, das 21.30 até à 1 hora da madrugada, haverá um arraial, com a colaboração do conjunto aveirense «Veneza».

Pela ESCOLA PREPARATÓRIA DE JOÃO AFONSO DE AVEIRO

Os horários das provas orais da Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro, por conveniência de serviço, tiveram que ser alterados. Deste modo, os alunos que prestavam provas ontem, 15, e hoje, 16, passarão a efectuá-las em 19 e 20; e, os que as tinham marcadas para os dias 19 e 20, deverão realizá-las em 21 e 22. Entretanto, a ordem das pautas e as salas designadas para as datas primitivas manter-se-ão.

Pelo ROTARY CLUBE DE AVEIRO

Na última reunião do Rotary Clube de Aveiro, realizou-se, com larga concorrência de assistentes, a transmissão de tarefas da Direcção cessante para a que passará a exercer as suas funções nos anos de 1976/77.

A nova Direcção, que estará em exercício até 30 de Junho do ano próximo, ficou assim constituída: presidente, José Fernando Rodrigues Soares; vice-presidentes, António Augusto de Lemos Martins Pereira e Abel Santiago; secretários, Eng.º Manuel Tavares da Conceição e Cravo Machado Calisto; tesoureiro, João da Graça Paula; tesoureiro substituto, António Manuel Pinto Soares Machado; encarregado do protocolo, António Leite Pais; e vogal, Carlos Vicente Ferreira.

QUIOSQUE NA AVENIDA PARA VENDA DE JORNAIS

A Câmara Municipal de Aveiro deliberou abrir concurso para a arrematação da exploração de um quiosque, destinado à venda de jornais, revistas, tabacos e outros produtos similares, o qual se situará na parte final da faixa descendente da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e cujas obras se encontram praticamente concluídas.

Os interessados poderão enviar as respectivas propostas ao Município, até ao próximo dia 27, sendo que quaisquer outras informações poderão ser solicitadas na Secretaria da Câmara.

Centro Democrático Social

Da Comissão Executiva Distrital do CDS, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte

COMUNICADO

1. O Secretariado da Secção de Aveiro do P. S. tornou público um comunicado que *pretendia* ser uma resposta ao que, dias antes, a Comissão Executiva Distrital do C. D. S. divulgara.

Nesse documento, o dito orgão do P. S. limitou-se a usar as armas a que sempre recorrem aqueles que não têm razão — em vez de factos, palavras ocas; em vez de posições claras, atitudes dúbias; em vez de verdade, a insinuação torpe e o insulto.

Como não ofende quem quer e as acções ficam com quem as pratica,, e porque nos recusamos lançar mão dos mesmos processos, limitar-nos-emos a umas breves notas acerca de alguns pontos do comunicado a que se alude.

2. Acusamos os responsáveis distritais e concelhios do P. S. de não terem *efectivamente* apoiado a candidatura pela qual *diziam* bater-se.

Para alicerçar a nossa crítica, aduzimos factos bem concretos. O P. S. local não rebateu nem rectificou um só que fosse. Elucidativo.

Em vez de atacar essa questão de fundo, o P. S. local preferiu divagar, escrevendo muito, mas não dizendo nada.

Mantém-se, pois, a acusação formulada, e entretanto até se recolheram outros elementos, que mais a solidificam. Com efeito, e a título exemplificativo, refira-se que enquanto a Comissão Distrital de apoio à candidatura em causa não pôde satisfazer inúmeros pedidos de cartazes para colagens, por os não possuir, na Sede do P. S. em Aveiro ficaram armazenados milhares deles! Esclarecedor.

3. O P. S. estranha que tenhamos apoiado um candidato que se propõe cumprir e fazer cumprir a Constituição que rejeitamos.

Na altura própria o C. D. S., com a clareza e coragem que o caracterizam, justificou o seu voto contrário — não podia concordar com um diploma de nítida feição marxista, feito ao arrepio do sentimento expresso da grande maioria do Povo Português; mas o C. D. S. disse também que, uma vez aprovada a Constituição, a respeitaria em absoluto — e o nosso Partido, *ao contrário de outros*, não falta aos compromissos que assume.

Portanto, se o P. S. local não compreende que se respeite uma lei de que se discorda, só haverá que lamentar as suas limitações de entendimento...

4. No comunicado em referência, atribuem-se ao Secretário Geral do C. D. S. comprometimentos políticos que ele nunca teve. O P. S. local deturpou conscientemtente a verdade e isso nada o abona.

E só porque trouxe a discussão para o campo da «Caça às bruxas», de que tanto gosta, lembramos-lhe apenas o seguinte:

Quando da passagem do Candidato comum por Espinho, um dos elementos do P. S. mais notados pelo seu entusiasmo e fervor partidário, foi um antigo comandante da Legião Portuguesa naquela cidade! Este, ao menos, e *ao contrário* de outros destacados responsáveis concelhios do P. S., não andou a colar cartazes nem a fazer propaganda doutro candidato que foi antigo instrutor da referida organização...

Um deputado nosso pode ter feito determinada afirmação em *1972*; o que não temos, nem nunca tivemos, *ao contrário do P. S.*, foi um deputado eleito em lista da A. N. P. ou da U. N.!...

5. O P. S. local insiste na tese de que os seus militantes não eram obrigados a votar no candidato escolhido pelo seu partido.

É um ponto de vista original. Agora se compreende porque alguns dirigentes do P. S. *só diziam* apoiar o candidato do partido, outros *nem* o *diziam* e *todos* não o apoiaram. Agora se percebe porque as votações mais fracas, por ele obtidas no distrito, o foram nos concelhos onde o P. S. era maioritário...

6. Os dirigentes locais do P. S. dizem não precisar de «lições de democracia». É natural — a sua «democracia» parece ser a dos braços levantados e a das «mais amplas liberdades»...

Por isso mesmo, alguns deles rasgam cartazes que lhes não são simpáticos, e no dia a dia se comportam exactamente ao contrário do que enfáticamente proclamam. Por isso defendem um governo minoritário numa democracia — para evitarem o agravamento de cisões internas, arriscam a destruição do País. Por isso aprovam o princípio da representação proporcional nas autarquias locais — só assim terão entrada nalgumas delas... —, sabendo embora que tal sistema as vai paralizar, e com prejuízos directos e palpáveis para todas as populações do País.

Enfim — critérios... ou falta deles; esquerdimos... para «impressionar»; complexos... que já era tempo de por de lado.

7. Como há que aproveitar *utilmente* o tempo disponível, com este comunicado encerramos a questão surgida. Fica, pois, o P. S. local à vontade para prosseguir com os seus insultos que não ofendem e com as suas habilidades, que já não convencem ninguém.

O C. D. S., esse, continuará a lutar por uma verdadeira Democracia — onde todas as ideias tenham cabimento, onde todos se unam na defesa dos objectivos comuns, onde todos se respeitem, mesmo quando divirjam.

Aveiro, 12 de Julho de 1976.

P'la Comissão Executiva Distrital do C. D. S.

a) — Henrique Marques Domingos

AGRADECIMENTO

Luz dos Santos Marabuto

Sua filha Vigília Afonso Peixinho, genro José Maria Peixinho e netos vêm, por este meio, agradecer a quantos se dignaram manifestar-lhe o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta.

AGRADECIMENTO

Maria Amélia Marques da Silva

Sua família vem, por este meio, agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que, de qualquer forma, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta.

AGRADECIMENTO

Francisco Limas

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer muito reconhecidamente a quantos se dignaram manifestar o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

AGRADECIMENTO

Rosa da Rocha Garrelhas

Seus filhos, nora e restante família vêm agradecer, por este meio, às pessoas que, de algum modo, se dignaram manifestar-lhe o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ÍLHAVO

Rectificação

No último número deste jornal, a páginas 6, ao publicar-se a certidão da escritura respeitante à constituição da sociedade «Vitória & Macedo, Limitada», onde vem referido, por lapso, «Cartório Notarial de Aveiro» deverá ler-se «Cartório Notarial de Ílhavo».

TÉCNICO FRANCÊS VISITA ESTALEIROS AVEIRENSES

Acompanhado de altos funcionários do Instituto Nacional de Investigação Científica, esteve em Aveiro de visita aos estaleiros navais da Carnave e de S. Jacinto, o técnico francês Maurice Chausse, da «S. E. M. A.», firma que já venceu um concurso internacional da O. C. D. E. no estudo de complexos navais.

Em Aveiro: REUNIÃO DE UM CURSO MÉDICO

Continuação da 1.ª página

sas gentes. Daí, este especial registo.

Na sua grande maioria, as seis dezenas e meia de médicos (e médicas) formados há 31 anos estiveram aqui — e vieram acompanhados de familiares que avolumaram o grupo e aumentaram os júbilos do fraterno encontro.

No sábado, depois de uma visita ao Museu Histórico da Vista Alegre e ao histórico e próximo templo da Senhora da Penha de França, seguiram de automóvel pela faixa ribeirinha, detendo-se, por momentos, nas praias do circuito. Chegados à cidade, foi um jantar de confraternização no Hotel Imperial, ali recebendo lembranças regionais, designadamente por deferência da Comissão Municipal de Turismo. Aos brindes, os Drs. Jorge Micaêlo, Ramos Lopes e Moreira de Figueiredo animaram o convívio — o primeiro com judiciosas considerações sobre a reunião, o segundo lendo adequada e inspirada poesia e o último comentando, com graça e verbe invulgares, o que ali decorria. O nosso director agradeceu o convite que lhe fora feito para tão animada e sadia confraternização.

No domingo, depois de missa de sufrágio, na artística igreja de Jesus, pelos colegas falecidos, os ilustres visitantes percorreram, muito interessadamente, as numerosas salas do Museu de Aveiro. Depois, embarcando numa lancha, seguiram do Canal Central até ao Muranzel, onde almoçaram, usando ali da palavra, de novo, o Dr. Micaêlo, e, ainda, os Drs. Gouveia Monteiro e Afonso Garcia; e, uma vez mais, o director desta folha (reiteradas também no Muranzel as imerecidas gentilezas de que generosamente o cumularam) houve que reafirmar ali o seu reconhecimento.

Do curso, estiveram presentes os Professores Catedráticos Doutores Renato Trincão, Ramos Lopes e Gouveia Monteiro (que foi Reitor da Universidade de Coimbra) e os Coronéis-médicos Moreira de Figueiredo (aquele a que já nos referimos, personificação da graça numa invulgar eloquência) e Roque Ferreira (que se nos revelou notável heraldista) — ambos antigos Directores de Hospitais Militares. Dos outros que também vieram a Aveiro esperamos poder vir a referir-lhes aqui os nomes, em novo ensejo: e esse será quando, nestas colunas, dermos à estampa os magníficos versos de um deles — o Dr. Afonso Garcia — «escritos, com a alma e o coração, para a reunião» e que intitulou «A Vida».

Está de parabéns, pela excelente jornada, a comissão organizadora: Drs. Micaêlo, Arede Fernandes, Emílio de Matos, Seabra Duque — e respectivas e distintas esposas; mas está igualmente de parabéns Aveiro, já que Aveiro (como nos foi referido) ficou «nos olhos e na alma» dos visitantes — que, espontaneamente (e, para nós, desvanecedoramente) nos garantiram: «também queremos ficar aveirenses!».

NÃO ACONTECEU...

Continuação da 1.ª página

tas desassombrados e sem medo há bem menos do que os que se tornam necessários na hora actual!). O seu comentário é a verdade nua e crua... Tem carradas de razão... Vê os políticos à minha moda, pelo que somos ambos do mesmo «partido», afinal do partido dos «anti-camaleões»... Agradecendo a amabilíssima carta com que me quis distinguir e honrar (o agradecimento a qui fica) e indo de encontro aos seus legítimos desejos (que, «democraticamente», respeito), não gastarei, desta vez, o meu paupérrimo «latim» com os políticos. Mais ainda: serei eu o repugnante «camaleão», na medida em que mudarei, neste fim de semana, a «cor» dos meus escritos (normalmente com um pitada de política), para tecer meia dúzia de considerações acerca dessa «jovem» (creio que com 55 anos já!) que se chama Zsa Zsa Gabor e que vai casar pela sétima vez. Sim, pela sétima vez! (Esta, no que diz respeito a maridos, muda com mais frequência de «cor» do que os «camaleões» políticos que todos conhecemos...). Na verdade, a loira e espanpanante vedeta de Hollywood já teve seis maridos, o que não acha demasiado, pois acaba de mover uma acção de divórcio ao último, apenas porque este lhe deu cabo do Roll Royce ao desmanchá-lo para o tornar maior. Não se compreende muito bem para que é que o milionário marido da loiraça vedeta do cinema quereria um Roll Royce maior, quando poderia, com o maior à-vontade deste mundo, comprar meia dúzia deles como fazem os nababos do petróleo. O certo é que o ultra-ricaço «Mister» Ryan (o marido da actriz) armou-se em mecânico (podia-lhe dar para pior!) e apanhou com um processo de divórcio em cima, o que é sempre uma chatice dos diabos! Claro que o automóvel não passa de mero e de manhoso pretexto (as costumadas «chinesices» americanas no que toca às desavenças conjugais...), até porque a «menina» Gabor e o senhor Ryan estavam já separados desde o último Outono. Não vivessem eles em Hollywood, onde nem o senhor Kissinger será capaz de acabar com o permanente estado de guerra dos desavindos casais da tela cinematográfica... Mas a notícia não deixa de ser reconfortante: enquanto as heróicas donas de casa portuguesas levantam os braços aos céus perante o desenfreado aumento do custo de vida nacional, na América dos dólares as «Gabors» (e muitas são...) separam-se dos maridos por causa dos Roll Royces! Nós, os homens portugueses, não há dúvida que somos uns autênticos felizardos no que toca às consortes. Até porque não temos Roll Royces para lhes dar! Elas, aliás, contemtam-se com a dispensa bem recheada, o que não é nada fácil nos tempos que vão correndo... Se bem que me pareça que a «menina» Gabor sofra de graves distúrbios neuropsíquicos inerentes aos seus 55 anos menopáusicos (a pedirem internamento em clínica apropriada), nem por isso lhe deixo de dar razão. Até porque ninguém tem o direito de dar cabo de um Roll Royce, de construir uma «boîte» em casa e não terminar a obra, e de deixar atrás de si uma nojenta e mal cheirosa lixeira, numa vivenda luxuosa, que custará a limpar a módica quantia de 1 440 contos. Eis os três motivos evocados, em tribunal, pela sempre casadoira Gabor para «negociar» (estas coisas, na América, até costumam constituir rendosas negociatas, pelo que vale a pena casar uma dúzia de vezes...) o seu sexto divórcio. Teremos de concluir que 1 440 contos de lixo é muito lixo! melhor talvez: é uma autêntica lixeira municipal! Se eu fosse juiz não me repugnaria, na altura da sentença, tirar uma primeira conclusão: o sexto marido da talentosa actriz norte-americana é um autêntico porcalhão...! E concederia à actriz também os milhares de dólares que ela pede para esquecer — afogados em champanhe e caviar — os desgostos de tanta porcalhice matrimonial... como o amável leitor que me escreveu poderá concluir, «não aconteceu» esquecer a gentilíssima carta que me fez chegar às mãos. Na verdade a porcalhice da política nacional (talvez maior do que a do sexto marido da actriz Zsa Zsa Gabor) não veio, desta vez, às colunas do jornal. A si o deve. Nada me tem a agradecer. Escreva sempre. Prometo responder, mesmo no jornal.

ARAÚJO E SÁ

Nascimento

Na manhã de 3 do corrente, nasceu, no Hospital de Aveiro, a primeira filhinha do casal de D. Maria de Fátima Gonçalves Veloso das Neves e de seu marido José Carlos Ribeiro das Neves.

A menina vai ser dado o nome de Ana Paula.

Baptizado

Na igreja paroquial de Lavos, da Figueira da Foz, foi baptizado, no dia 4 do corrente, o quarto filho do casal de Maria Madalena Rebocho de Albuquerque Cristo Cordes Bagão e de João Carlos Cordes Bagão.

Serviram de padrinhos do menino — que tomou o nome de João António Rebocho Cristo Cordes Bagão — seus tios, Maria Alice Cordes Bagão de Gouveia Marques e João Afonso Rebocho de Albuquerque Cristo.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Aveiro, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os interessados incertos e desconhecidos, para no prazo de vinte dias, decorridos os dos éditos, contestarem, querendo a acção com processo especial em que é requerente Dulcineia Rosa Cunha Rocha, solteira, técnica auxiliar de assistente social, residente na Rua da Casa Branca, 95, 2.º C, Coimbra e requerido JOÃO DA ROCHA, viúvo, que foi residente na R. João Carlos Gomes, 69, Ílhavo, actualmente ausente em parte incerta proposta nos termos e com os fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra patentes na secretaria judicial para ser entregue a quem se mostrar com interesse na causa e, em resumo, pedem seja declarada a morte presumida do requerido e a declaração de ser a requerente e Maria Fernanda Chuva Rocha Queirós Pinheiro, doméstica, residente na Abelheira, comarca de Viana do Castelo os seus únicos e universais herdeiros, e, portanto, sucessores nos bens do ausente.

MAIS FAZ SABER que correm éditos de seis meses, que igualmente começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o ausente, JOÃO DA ROCHA, viúvo, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na R. João Carlos Gomes, 69, Ílhavo, para, dentro daquele mesmo prazo de vinte dias, decorridos que sejam os dos éditos, contestar, querendo, o pedido deduzido nos autos acima identificados e cujo duplicado da petição inicial se encontra patente nesta mesma secretaria, para lhe ser entregue quando procurado.

Aveiro, 6 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito,

a) — Francisco da Silva Pereira

O Escrivão de Direito,

a) — Abel Vieira Neves

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

Inv. Fac. n.º 71/76

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o interessado *Joaquim Simões Maio*, viúvo, ausente em parte incerta da cidade do Rio de Janeiro — Brasil e que teve a sua última residência conhecida, no lugar de Quintãs, freguesia de Oliveirinha, desta comarca, para assistir a todos os termos do Inventário Facultativo a que neste Juízo se procede por óbito de Otília Mendes Leal casada, que foi residente naquele lugar de Quintãs, e em que exerce as funções de cabeça de casal, Maria Simões Mendes Leal, casada, doméstica, residente no referido lugar de Quintãs, e de que tem o prazo de *dez* dias, decorridos que sejam os dos éditos, para impugnar a sua própria legitimidade ou a das outras pessoas citadas e a competência da cabeça de casal e ainda, de que ficará na situação de revelia se não escolher domicílio na sede do Tribunal, nem constituir mandatário.

Aveiro, 14 de Julho de 1976.

O Escrivão,

a) — Abel Vieira Neves

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

a) — Francisco Silva Pereira

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que SOCIEDADE DA ÁGUA DE LUSO, S.A.R.L., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 4 480 litros, sita no lugar de Moinhos, freguesia de Luso, concelho da Mealhada, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições dos Decretos n.os 29 034, de 1 de Outubro de 1938 e 198/70, de 24 de Abril que regulamentam a importação, armazenagem e tratamento indutrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.os 36 270, de 9 de Maio de 1947 e 422/75, de 11 de Agosto que aprovam o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º Dt.º, no Porto.

Porto, 6 de Julho de 1976

O Engenheiro-chefe da Delegação

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

Desportos

«LIGUILLA»

MONTIJO, 0
BEIRA-MAR, 2

comportamento nos dois próximos jogos da «liguilla», a realizar ambos em Aveiro. Ficaram fortalecidas, portanto, as esperanças auri-negras na permanência na I Divisão — permanência que interessa sumamente ao Beira-Mar e a Aveiro.

O jogo de domingo decorreu com vantagem para os beiramarenses, que, sempre tranquilos (sobretudo, e naturalmente, depois de se colocarem em vencedores) e seguros dos seus recursos, se sobrepuseram ao entusiasmo dos montijenses, a actuarem sem descernimento e sem talento capazes de contrariarem o plano táctico dos aveirenses.

Os beiramarenses, no meio-campo e no sector recuado, formaram autênticos muros inultrapassáveis, que detiveram, até com relativa facilidade, as investidas contrárias — que traziam o selo de uma velocidade descontrolada, fruto do nervosismo dos montijenses, derivado da responsabilidade que o jogo para si representava...

E, em contra-ataques, vieram a ser os homens de Aveiro os mais intencionais e os mais perigosos. Em dois lances — ambos com origem em passes bem medidos de Manecas, que viria a receber ordem de expulsão, no seguimento de insólita ocorrência em que o dianteiro beiramarense foi mais vítima da exaltação de atletas e de adeptos do Montijo do que réu autêntico... — surgiram, um em cada meio-tempo, dois golos, concretizados por Laurindo (31 m.) e Sousa (69 m.). E, assim, fez-se a verdade do desafio.

Com supremacia numérica, no período final, o Montijo teve um **forcing** notável, procurando atenuar ou, se possível, evitar a derrota. Mas, com calma e com segurança, fazendo o jogo que lhes convinha e sem jamais incorrerem no anti-jogo, os elementos do Beira-Mar venceram todas as contrariedades e mantiveram bem firme o seu precioso avanço.

Arbitragem em plano razoável. Tanto o juiz de campo como os seus auxiliares, em ambiente difícil, não tiveram graves falhas, pelo que o seu trabalho não foi comprometedor.

BASQUETEBOL

lhenses, houve muitas falhas, sob a «cesta» e na marcação de lances-livres (percentagem de 50%, sendo convertidos 7 dos 14 tentados — enquanto, nos «leões», a percentagem foi de 62,5%, sendo transformados 5 em 8 tentativas); e, nos lisboetas, as meias-distâncias estiveram com rendimento sob o fraco, isto até ao intervalo.

A primeira parte, porém, disputou-se taco-a-taco — reflectindo os 39-39 a verdade do jogo, em que, ao todo, se registaram justamente dez situações de empate (a 1, 3, 5, 9, 23, 25, 33, 35, 37 e 39 pontos). O Sporting

Continuações da última página

comandou mais tempo, mas, quase sempre, por margem diminuta — sendo o seu maior avanço verificado aos 14-21, sensivelmente a meio do primeiro período. O Sangalhos apenas comandou uma vez (37-35).

Após o reatamento, os verde-brancos, fulgurantes, na meia-distância e em lances de envolvimento ofensivo, lograram quatro «cestas» a fio — que Hilário neutralizou, em parte, conseguindo quatro pontos (43-47). E, ante a desorientação momentânea dos azuis (Nelson, com quatro faltas, estava no banco dos suplentes...), o Sporting fugiu, de modo decisivo e concludente, para 43-61, só então logrando o americano Bill amenizar para 45-61.

Havia jogados exactamente 7 m. 8 s. quando se verificou inesperada ocorrência — que viria a deixar em suspenso a questão do título, para que o Sporting se encontrava bem encarreirado. Ao tentar repor a bola em jogo, efectuando um passe longo, de contra-ataque, Bill largou o esférico que lhe saiu mal das mãos, embatendo e partindo umadas tabelas de vidro sintético!

Não foi possível consertá-la. E a hipótese de serem as tabelas substituídas por outras — que se aventou e decidira tornar realidade, pelo que se foi a Leiria buscar novas tabelas — não veio a concretizar-se. Depois de longa espera, de mais de hora e meia, chegaram à Marinha Grande, de facto, as tabelas suplentes; mas o árbitro principal do desafio, Orlando Rebelo, por não existir acordo entre os «capitães» das turmas quanto ao prosseguimento do jogo com as novas tabelas, decidiu dar o prélio como suspenso, uma vez que entendia, como nos declarou, «não ser coerente continuar o jogo com tabelas de madeira, quando ,durante três quartas partes do desafio, se jogara com outras de vidro sintético».

A decisão, que agradou, sem dúvida aos sangalhenses (que, assim, ficam com nova **chance** para a conquista do almejado título), foi vivamente contestada pelos lisboetas; e o seu «capitão», no boletim de jogo, fez a competente declaração de protesto.

Uma situação insólita, geradora de mais um intrincado «caso», verdadeiro «bico-de-obra», para decisão final dos dirigentes federativos...

Aguardemos. E, como a matéria não se esgotou, voltaremos, em próximo número, a escrever sobre esta finalíssima... que não foi ponto final na questão do título!

VI Concurso de Pesca Desportiva dos Bancários de Aveiro

120. 37.º — António Ataide de Magalhães (B.P.M. - Vale de Cambra), 120. 38.º — Manuel Valente Sardo (Ultramarino), 115. 39.º — António Manuel Moreira da Fonseca (Espírito Santo), 115. 40.º — Aguinaldo Armindo da Silva Melo (Banco de Portugal), 110. 41.º — João Garcia Alves (Ultramarino-Águeda), 105. 42.º — António Manuel Magalhães Maia (Espírito Santo), 100. 43.º — António Dias Sarrico dos Santos (Burnay), 90. 44.º — Orlando Moreira Campos Cruz (Agricultura), 90. 45.º — Manuel Emídio Marques (Borges), 80. 46.º — Gil Manuel da Luz Ferreira Santiago (Burnay), 75. 47.º — Manuel Lopes de Azevedo (Atlântico-Estarreja), 75. 48.º — Manuel Martins de Oliveira (Caixa Geral de Depósitos), 75. 49.º — Manuel Luís da Silva Paiva (B.P.M. - Vale de Cambra), 70. 50.º — Silvério Augusto Vida Soares de Albuquerque (B.P.M. - Vale de Cambra), 70. 51.º — Bernardo Pereira (B.P.M. - Vale de Cambra), 70. 52.º — António Rodrigues Garcez (Caixa Geral de Depósitos), 65. 53.º — João Carvalho Santos (Atlântico), 45. 54.º — Ernesto Emídio Candeias Vieira Valentim (Espírito Santo), 40. 55.º — Agostinho de Almeida Bastos (B.P.M. -Vale de Cambra), 40. 56.º — Joaquim Manuel Rodrigues de Paiva (Burnay - - Sever do Vouga), 40. 57.º — António Barreto Cerqueira (Atlântico), 40. 58.º — Emanuel Vinagre da Naia Sardo (B.P.M.), 30. 59.º — Hélder Manuel Santos Moreira (Atlântico), 20.

O prémio para o maior número de capturas foi atribuído a Henrique Dias Nunes (Agricultura), que conseguiu 37 unidades. Para Manuel Casimiro Esteves Antunes (Ultramarino), ficou o prémio referente ao maior exemplar — um peixe com 0,880 kgs.

Competiram perto de 140 concorrentes (exactamente 131, dos 139 inscritos, dado que 8 faltaram à chamada). Assinale-se a presença de bancários de Albergaria-a-Velha, Águeda, Aveiro, Espinho, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira de Azeméis, Ovar, Santa Maria de Lamas, S. João da Madeira, Sever do Vouga e Vale de Cambra.

Colectivamente, havia quatro prémios em disputa, que ficaram a pertencer, pela ordem de classificação geral, ao Banco da Agricultura (2.820 pontos), Banco Português do Atlântico (2.795), Banco Fonsecas & Burnay (2.290) e Banco Nacional Ultramarino (1.525).

BAIXA no BASQUETE do BEIRA-MAR

BALTASAR

vai para os Estados Unidos

e fez questão de assinar ficha pelo Beira-Mar... admitindo que, não se ambientando em terras americanas, possa voltar em breve para Aveiro!

Amanhã, de tarde, entre as 17 e as 20 horas, os elementos da Secção de Basquetebol do Beira-Mar organizam um festival de homenagem e despedida a Baltasar — intervindo todas as turmas dos auri-negros. E, no final, haverá um jantar-convívio, nas instalações do Pavilhão do Beira-Mar.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 47 DO «TOTOBOLA»

25 de Julho de 1976

Jogo	Prognóstico
1 — Montijo - U. Tomar	2
2 — Beira-Mar - Salgueiros	1
3 — Paredes - Vila Real	1
4 — Ac. Viseu - Vilanovense	1
5 — Lusitano - Alcochetense	X
6 — Guimarães - Holbaek	1
7 — Belenenses - Naestved	1
8 — Eintracht B.- Banik Ostrava	1
9 — Atvidabergs - Sp. Trnava	X
10 — Oesters - Pogon	1
11 — St. Gallen - Row Rybnik	1
12 — Djurgardens - Sturm Graz	1
13 — Voest Linz - Vojvodina	X

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DO CONCELHO DE ÍLHAVO

No dia 9 de Agosto próximo, pelas 10 horas, nesta Repartição de Finanças, proceder-se-á à venda em hasta pública do bem abaixo designado, penhorado na execução que a Fazenda Nacional move à firma ILHOAGRO, LDA., com sede no lugar da Légua — Ílhavo, encontrando-se o dito bem na referida firma, onde pode ser examinado todos os dias úteis, durante as horas normais de trabalho.

«Um veículo ligeiro de mercadorias marca ISUZU com a matrícula NR-32-36, modelo TLD53LY do ano de 1972, tipo caixa aberta com a cilindrada de 2369 c.c., de côr verde e cinzenta, que vai pela primeira vez à praça, pelo valor de 120 000$00.»

SÃO CITADOS TODOS OS CREDORES INCERTOS E DESCONHECIDOS.

O Juiz Auxiliar,

a) — *Sérgio da Rocha Cupido*

O Escrivão,

a) — *Arsénio Jorgelino Figueiredo Gravato*

Xadrez de Notícias

■ Encontra-se marcado para amanhã, sábado, com provas a realizar na piscina do Luso.

Participam nadadores do Algés e Águeda e do Sporting de Aveiro — e, também, elementos do Ginásio Figueirense e do Leixões.

■ O guarda-redes Jesus (ex-Lusitânia de Lourosa), o defesa Quaresma (ex-Sporting), os médios Manuel José (ex-Farense) e Poeira (ex-Olhanense) e o avançado Sobral (ex-Farense) são futebolistas cujo concurso o Beira-Mar tem já assegurado, no intuito de reforçar o seu «plantel» para a próxima temporada.

■ Encontra-se marcado para amanhã, sábado, no Pavilhão de Ajuda ,em Lisboa, o desafio Sporting-Sangalhos, dos quartos-de-final da Taça de Portugal em basquetebol (equipas masculinas). O jogo principiará às 22.30 horas, sendo antecedido do encontro Algés-Porto, das meias-finais na mesma competição.

■ O ciclista José Bispo (Sangalhos) foi o vencedor final do **Troféu «Antracol»**, somando 77 pontos. Classificaram-se, a seguir: 2.º — Antero Soares (Sangalhos), 73. 3.º — Páris Silva (Sangalhos), 57. 4.º — Mário Cabral (Sangalhos), 51. 5.º — Joaquim Martins (União de Coimbra), 22. 6.º — Carlos Pires (Sangalhos), 21. 7.º — José Pombinho (União de Coimbra), 12. 8.º — Carlos Almeida (Sangalhos), 5.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

Faz-se saber que foi distribuída na Secretaria Judicial de Aveiro, e corre termos pela 2.ª Secção do 1.º Juízo, uma acção contra MARIA DE JESUS SIMÕES, casada, residente no lugar de Pera Jorge, freguesia de Requeixo, desta comarca, para ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Aveiro, 5 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito

a) — Francisco Silva Pereira

O Escrivão de Direito,

a) — António Míller Soares Ribeiro

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

Por este se faz público que foi distribuída na Secretaria Judicial desta comarca — 1.ª Secção, 2.º Juízo, acção especial (para interdição) contra ANA ROSA RODRIGUES, viúva, doméstica, residente no lugar de Solposto, Esgueira, Aveiro, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Aveiro, 7 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito,

a) — José Alexandre Lucena e Valle

O Escrivão de Direito,

a) — António José Robalo de Almeida

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que, pela Segunda Secção do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o reu JORGE ARMINDO AMARO NOGUEIRA DOS SANTOS, casado, comerciante, que teve a sua última residência conhecida na Rua do Dr. Alberto Souto, n.º 11-A, Aveiro, e actualmente em parte incerta, para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, contestar a acção sumária que lhe move o Banco da Agricultura, com sede eem Lisboa, na qual pede que o referido réu e outro, sejam condenados no pagamento da quantia de 25 000$00 de capital, despesas de protesto de 106$00, juros vencidos até 26-4-76 e vincendos até real reembolso, e para no mesmo prazo declarar se confessa ou nega a sua firma aposta na letra que serve de base à acção, tudo conforme consta do duplicado da petição inicial que se encontra na Secretaria à ordem do citando.

Aveiro, 5 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito,

a) — Francisco Silva Pereira

O Escrivão de Direito,

a) — António Míller Soares Ribeiro

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca ,na acção com processo ordinário pendente na primeira secção do segundo Juízo, desta comarca, movido pelo autor — ANSELMO LOPES & COMPANHIA, LDA., sociedade por quotas com sede no lugar da Patela em Aveiro, contra — MARIA ALICE RAMOS, casada, ausente em parte incerta, com última morada conhecida no lugar e freguesia de Eirol, desta comarca, é esta Ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em pagar o autor — a quantia de 200.676$70 (duzentos mil seiscentos e setenta e seis escudos e setenta centavos), acrescida de juros à taxa legal de 5%, desde a citação e até integral pagamento, com todas as consequências legais.

Aveiro, 2 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito,

a) — José Alexandre Lucena e Valle

O Escrivão de Direito,

a) — António José Robalo de Almeida

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na acção sumária que corre na Primeira Secção do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Aveiro, movida pelos autores Roque Marques da Silva e mulher, Conceição Marques Ferreira, proprietários, residentes em Mamodeiro, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando o réu Ilídio Marques da Cruz, casado, ausente em parte incerta de França e com última residência conhecida em Mamodeiro, para, no prazo de dez dias, decorridos que sejam os dos éditos, contestar, querendo, a acção com processo sumário acima indicada, nos termos e com os fundamentos constantes da petição inicial cujo duplcado se encontra patente nesta Secretaria para lhe ser entregue quando procurado e em que, em resumo, pedem o direito a 28 375$00, quantia depositada num processo de expropriação.

Aveiro, 2 de Julho de 1976

O Juiz de Direito,

a) — José Alexandre de Lucena Vilhegas e Vale

O Escrivão de Direito,

a) — António José Robalo de Almeida

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Processo N.º 64/76 — 2.º Juízo

Pela 2.ª Secção de Processos deste 2.º Juízo da comarca de Aveiro, e nos autos de Acção Sumária intentada pelo Banco da Agricultura, com sede na Rua da Assunção, n.º 74, da cidade de Lisboa, correm éditos da TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os réus JOSÉ ASCENSÃO TABORDA e mulher, MARIA ROSA PEIXINHO NUNES FRAGOSO TABORDA, actualmente ausentes em parte incerta de França e com a última residência conhecida na Rua Passos Manuel, n.º 28, desta cidade de Aveiro, para, dentro do prazo de 10 DIAS posterior aquele dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado pelo Autor e que, em resumo, consiste em serem condenados solidariamente com a co-ré Transportes Veneza, Limitada, com sede em Aveiro, a pagar-lhe a importância de 35 000$00 em capital, titulada por uma letra sacada pelos citando e do aceite daquela ré, despesas de protesto no valor de 106$00, juros de mora vencidos e que calculados até 5-6-975 perfazem 2 100$00 e vincendos até integral reembolso e, ainda, para confessarem ou negarem a FIRMA APOSTA na letra junta com a petição inicial, entendendo-se que a confessam se na contestação não fizerem declaração alguma, conforme tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta secção à disposição dos citandos.

Aveiro, 9 de Julho de 1976

O Juiz de Direito,

a) — José Alexandre de Lucena Vilhegas do Valle

O Escrivão Auxiliar,

a)—Fernando Augusto Correia

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

SEGUNDO CARTÓRIO

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, por escritura de 1 de Julho de 1976, inserta de fls. 8 a 11 do livro para escrituras diversas A N.º 458, deste Cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Pavicentro — Materiais Pré-fabricados, Limitada», com sede no lugar e freguesia de Eixo, deste concelho, procederam aos seguintes actos:

a) — elevarem o capital social da sociedade de 1 320 contos para 5 500 contos, sendo o aumento de 4 080 contos, por incorporação de reservas a retirar do Fundo de Reservas Livres e pela admissão de 1 novo sócio que subscreveu e realizou uma quota de 100 contos.

b) — Os primitivos sócios unificaram as quotas que já possuiam com as resultantes do aumento; e

c) — Em consequência alteraram o art.º 4.º do Pacto Social, que passou a ter a seguinte redacção:

«QUARTO — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro e nos demais valores constantes da escrita, é de 5 500 contos, dividido em seis quotas pertencentes, uma de 1 800 contos ao Engenheiro Carlos Mendes Veloso, quatro de 900 contos pertencentes uma a cada um dos sócios Lurdes Maria Sousa Carvalho Borges Veloso, Alberto Tomás Vieira, Carlos Alberto Tomás Vieira e Maria de Fátima Tomás Vieira e uma de 100 contos do sócio Manuel Morgado dos Santos Oliveira».

Está conforme ao original.

Aveiro, 7 de Julho de 1976.

O Ajudante,

a) — Luís dos Santos Ratola

LITORAL - Aveiro, 16/7/76 — N.º 1117

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AVEIRO

AVISO

Serviço de Leitura e Cobrança

Avisam-se os Exmos. Consumidores que em virtude de férias do pessoal, a cobrança de consumos de água e electricidade do mês de Julho será efectuada no mês de Setembro.

As leituras dos consumos do mês de AGOSTO serão efectuadas conjuntamente com as do mês de Setembro e apresentadas a cobrança no mês de Outubro.

Aveiro, 9 de Julho de 1976

A DIRECÇÃO

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

"LIGUILLA"

I/II DIVISÕES

Resultados da 4.ª jornada

Montijo - BEIRA-MAR 0-2
U. Tomar - Salgueiros 1-1

Classificação

	J	V	E	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	4	2	1	1	7-4	5
Salgueiros	4	1	2	1	5-5	4
U. Tomar	4	1	2	1	5-6	4
Montijo	4	1	1	2	4-7	3

Jogos para domingo

Salgueiros - Montijo (1-2)
BEIRA-MAR - U. Tomar (4-2)

MONTIJO, 0
BEIRA-MAR, 2

Jogo no Campo de Luís Almeida Fidalgo, no Montijo, sob arbitragem do sr. Nemésio de Castro, da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas alinharam do seguinte modo:

MONTIJO — Luís Filipe; Patrício, Moreira, Lázaro e Celestino; Louceiro, Evaristo e Júlio; Gomes, Pereira e Rachão.

BEIRA-MAR — Domingos; Marques, Inguila, Soares e Guedes; Cremildo, Zezinho e Rodrigo; Laurindo, Manecas e Sousa.

Substituições — No Montijo, entraram Roseta (65 m.) e Belo (70 m.), saindo Júlio e Louceiro. No Beira-Mar, Almeida (segundo tempo) e Quim (60 m.) ocuparam os postos de Laurindo e Rodrigo.

«Cartões» — Aos 73 m., «vermelho» para o beiramarense Manecas, que respondeu à agressão de um espectador que, inopinadamente, entrara em campo; e «amarelo» para o montijense Gomes, em consequência de sucessão de faltas.

●

Mercê deste seu oportuno — e merecidíssimo — triunfo, o Beira-Mar depende apenas de si próprio, do seu

Continua na página 6

Angariação de Fundos

Campanha a favor do BEIRA-MAR

Sabe-se, num conhecimento generalizado, que são grandes e bem atribuladas as dores de cabeça dos dirigentes dos clubes — sobretudo dos que mantêm turmas profissionais de futebol. E entende-se, com facilidade, que essas preocupações ganham volume quando se pretende formar equipa que dê garantias de carreira tranquila durante o campeonato. As cotizações mensais dos sócios e as receitas dos jogos situam-se aquém das verbas necessárias para se poder gerir, com dignidade e sem atrasos, a vida dos clubes, para cumprir os compromissos assumidos no intuito de se obter a sua valorização.

É este o caso do Beira-Mar — que, na hora de arrancada para a época de 1976-77, se vê a braços com imensas dificuldades financeiras, agravadas, de resto, pela necessidade de defender, na decorrente «liguilla» o lugar a que tem direito na I Divisão.

Por tudo, elementos responsáveis da popular colectividade decidiram lançar um alerta a todos os aveirenses e, particularmente a todos os beiramarenses. E, assim, no intuito de ajudar de imediato a Direcção do Beira-Mar, vai efectuar-se, a partir já da próxima segunda-feira, na cidade e na região, uma Campanha de Angariação de Fundos para o Beira-Mar.

Constituiram-se várias comissões, que irão ter com todos nós, aveirenses e beiramarenses. Importará que cada um não falte, nesta hora decisiva; importará que cada um, dentro do que possa, não deixe de dar o seu contributo, por mínimo que possa parecer. É que, com muitos poucos, pode chegar-se ao muito que se torna imperioso conseguir . . .

VI CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA DOS BANCÁRIOS DE AVEIRO

Nos pesqueiros do Molhe Norte da Praia da Barra, no penúltimo sábado, dia 2, teve lugar — com bastante interesse na luta pelos postos cimeiros e com muito entusiasmo de todos os participantes — a prova em epígrafe, de âmbito distrital, em que se apuraram os seguintes resultados, na classificação individual:

1.º — Henrique Dias Nunes (Agricultura), 1680 pontos. 2.º — José Mendes Macedo Loureiro (Atlântico), 1130. 3.º—José Correia de Melo Silva (Agricultura), 1050. 4.º — Mário Vasco Gonçalves Sousa (Ultramarino-Ovar), 905. 5.º — José da Naia Machado (Burnay), 900. 6.º — Manuel Casimiro Esteves Antunes (Ultramarino), 880. 7.º — Roque dos Santos Gamelas (Atlântico), 870. 8.º — José César dos Reis Rodrigues (Atlântico), 795. 9.º — José Sacchetti (Burnay), 710. 10.º — Mário Rui Peres Pereira (Burnay), 680. 11.º — António Ferreira Caniço (Espírito Santo), 630. 12.º — Raul Miguel de Almeida Figueiredo (Atlântico), 590. 13.º — Amadeu Vinagre Maia Soares (Atlântico), 550. 14.º — José Aníbal de Oliveira Couto (Sotto Mayor), 430. 15.º — José Emanuel Corujo Lopes (Ultramarino), 400. 16.º — Manuel Augusto de Oliveira Samagaio (Caixa Geral de Depósitos), 395. 17.º — António Manuel de Almeida Alves (Atlântico), 390. 18.º — Alfredo Joaquim Ferreira Vaz Pinto (Borges), 345. 19.º — Zeferino de Almeida Lopes da Silva (Sotto Mayor - Oliveira de Azeméis), 330. 20.º — João Herculano Vieira da Silva (Espírito Santo), 325. 21.º — José Carlos Miranda Calisto (Burnay-Sever do Vouga), 320. 22.º — António Abel Pereira Simões (Atlântico), 300. 23.º — Reinaldo Tourega da Rocha (Atlântico - Ílhavo), 260. 24.º — José Firmino do Nascimento (Burnay), 250. 25.º — António Rosa Novo (Atlântico), 250. 26.º — Mário Paulo Pereira dos Santos (Ultramarino), 245. 27.º — João António Rodrigues (Borges), 240. 28.º — Jorge Manuel do Nascimento (Banco de Portugal), 205. 29.º — João Henriques Pinho dos Santos (Banco de Portugal), 200. 30.º — João Carlos Gomes Cunha Mortágua (Atlântico), 200. 31.º — António Abílio Dantas Gomes (Atlântico), 200. 32.º — Alexandre Fernando Ferreira e Silva (Espírito Santo - S. João da Madeira), 140. 33.º — Duarte de Deus Regino (Borges), 140. 34.º — António Maia Fradinho (Atlântico), 135. 35.º — Mário Alberto Pimentel Lopes (Montepio), 120. 36.º — Pedro António Girão Lemos (Montepio),

Continua na página 6

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — A final não chegou ao fim

Na altura da suspensão

SANGALHOS, 45
SPORTING, 61

Ante assistência que enchia, a transbordar, o Pavilhão da Embra, na Marinha Grande — imensos candidatos a espectadores tiveram de renunciar à compra do bilhete de ingresso —, Sangalhos e Sporting defrontaram-se, no sábado, no jogo marcado para desempate (e, consequentemente, para atribuição do título máximo) do Campeonato Nacional da I Divisão, uma vez que ambos terminaram, em igualdade de pontos, na sua **poule** final.

Sob arbitragem da dupla formada pelos srs. Orlando Rebelo e Adriano Soares, da Comissão Distrital de Lisboa, alinharam e marcaram:

SANGALHOS — Hilário (4-4), Bill (9-2), Nelson (8-0), Eugénio (14-0), Carvalho, Raul (4-0), Lincho, Orlando, Aleixo e Madureira.

SPORTING — Nelson Serra (4-4), Sobreiro (6-2), Rui Pinheiro (12-6), José Carlos (7-4), Quim Neves (6-0), Mário Albuquerque (4-6), Roque, Ferro, Carlos Sousa e Tó-Mané.

1.ª parte: 39-39. 2.ª parte: 6-22.

Fortemente incitadas pelas respectivas falanges de apoio (a dos bairradinos em esmagadora superioridade!), as equipas entregaram-se ao jogo com muito empenho, mas, também, com indisfarçável nervosismo, que a ambas roubou faculdades: nos sanga-

(Continua na página 6)

BAIXA no BASQUETE do BEIRA-MAR

BALTASAR

vai para os Estados Unidos

Os quadros basquebolísticos do Beira-Mar — que, mercê do entusiasmo e dos esforços dos seus seccionistas, vem a tentar guindar-se a plano de relevo na modalidade e possui, já, obra muito válida junto das camadas jovens — vão sofrer baixa de vulto: Carlos José Ferreira Baltasar, um dos seus elementos de maior futuro, segue para os Estados Unidos, dentro de breves dias, onde seus pais vão fixar-se.

O promissor Baltasar, um excelente juvenil que prestou valioso concurso, também, à turma de juniores é beiramarense dos quatro costados;

Continua na 6.ª página

REMO

CAMPEONATOS REGIONAIS

No Rio Douro, tiveram lugar, no passado domingo, os Campeonatos Regionais de Juniores e de Seniores, a que o Galitos concorreu, participando em três regatas, que terminaram com as seguintes classificações:

SHELL DE 4 — JUNIORES

1.º — Naval Infante D. Henrique. 2.º — Caminhense. 3.º — Galitos. 4.º — Fluvial Vilacondense.

SHELL DE 2 — SENIORES

1.º — Naval Infante D. Henrique. 2.º — Fluvial Vilacondense. 3.º — Galitos.

SHELL DE 8 — SENIORES

1.º — Caminhense. 2.º — Fluvial Portuense. 3.º — Galitos.

● Em provas complementares, os alvi-rubros aveirenses marcaram presença destacada ,nas duas regatas de juvenis a que concorreram, alcançando os resultados que adiante indicamos:

YOLLES DE 4 — 1.º — Náutico de Viana. 2.º — Galitos. 3.º — C.D.U.P.

SHELL DE 4 — 1.º — Galitos. 2.º — Naval Infante D. Henrique. 3.º — Caminhense.

FUTEBOL DE SALÃO

TORNEIO DO BEIRA-MAR

Na sequência da sua primeira fase, e dentro do programa geral oportunamente estabelecido, decorre, no Pavilhão do Beira-Mar, o Torneio de Futebol de Salão, este ano organizado pelos **«Cravas» do Beira-Mar.**

Até à noite da passada terça-feira, inclusive, e desde a última jornada a que nestas colunas fizemos referência, apuraram-se os seguintes resultados:

Dia 5 — Choras, 3 - Riacor-Tupamaros, 2. Barbearia Central, 2 - Os Sornas da Frapil, 1. Aprocred, 2 - Selfone, 5. Joys-Troca-Tintas, 0 - Satelauto, 6.

Dia 6 — Café Centrolar, 3 - F.A.P., 1. Henrique & Rolando, 0 - Café Ponto Final, 2. Distribuidora do Vouga, 3 - - Team Queirós, 1. Estrela Esperança, 1 - Os Velhotes, 3.

Dia 7 — Cerâmica Aleluia, 0 - Os Piratas, 3. Drogaria Central, 0 - Barrocas-Papelaria Avenida, 3. Ducauto, 1 - Bar Flamingo, 2. Desportolândia, 4 - J.A.P.A., 0.

Dia 8 — Unimar, 6 - Torpedos-76, 0. Recauchutagem Riamar, 2 - Café Lavrador, 2. Bairro do Alboi, 4 - Pensão Aveirense, 1. Os Cagaréus, 2 - Os d'Acrof, 4.

Dia 9 — Pop Shop, 1 - Bombeiros Velhos, 0. Assembleia da Barra, 3 - - A. C. Salreu, 1. Gráfica Aveirense, 1 - Café Palácio, 6. Stand K.T.M., 3 - - Marimor, 2.

Dia 10 — Tonelux-Taludos, 3 - Carbox-Ignauto, 1. Galeria do Vestuário, 10 - Bombeiros Novos, 1. Coutinho & Filhos, 1 - C. D. Salreu, 1. Ourivesaria Benjamim, 1 - Riauto, 1.

Dia 12 — Sapataria Daly, 1 - Padarias Beira-Mar, 1. Adega 1.º de Janeiro, 5 - Salão Zezita, 0. Casa Santos-Toca do Grilo, 3 - Os Drogas, 1. Choras, V. - Bairro de Sá, D.

Dia 13 — Barbearia Central, 3 - Estrela da Forca, 0. Aprocred, 0 - Base Aérea n.º 7, 0. Joys-Troca-Tintas, 0 - - Tonelux-Mirim, 5. Café Centrolar, 2- -Belsan, 0.

II TORNEIO DO ESGUEIRA

Está em curso, no Campo da Alameda, a fase final do II Torneio de Futebol de Salão do Clube do Povo de Esgueira — disputada, em **poule** de todos contra todos, por oito equipas.

Até terça-feira, nas rondas efectuadas, de que conseguimos apurar os desfechos, registaram-se os seguintes resultados finais:

1.ª jornada — Bêbados da Forca, 5 - Acta, 3. Bairro de Sá, 0 - Casa Pimenta, 2. Magriços, 1 - Troikas, 0.

2.ª jornada — Acta, 0 - Magriços, 1. Casa Pimenta, 7 - Neves & Capote, 2. Sociedade de Padarias, 0 - Bairro de Sá, 1.

3.ª jornada — Sociedade de Padarias, 4 - Casa Pimenta, 2. Bairro de Sá, 2 - Bêbados da Forca, 2. Troikas, 2 - Neves & Capote, 2.

4.ª jornada — Acta, 2 - Bairro de Sá, 3. Neves & Capote, 2 - Magriços, 2. Troikas, 0 - Bêbados da Forca, 4.

A prova deve concluir na próxima terça-feira, dia 20 — encontrando-se programados, para as jornadas que ainda há para realizar:

Hoje (sexta-feira) — Acta - Troikas, Bairro de Sá - Neves & Capote e Bêbados da Forca - Sociedade de Padarias. **Segunda-feira** — Neves & Capote - Acta, Troikas - Casa Pimenta e Sociedade de Padarias - Magriços. **Terça-feira** — Magriços - Bairro de Sá.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Devem participar no próximo Campeonato Mundial de Juniores, na classe de «vauriens», a disputar em Brest (França), duas tripulações de velejadores do Sporting de Aveiro, que se qualificaram para representar o nosso País em regatas realizadas no último domingo, na Figueira da Foz.

Serão os pares José Manuel Silva Tavares - José Morais e Jorge Laffont - João José Ferreira que estarão naquela cidade francesa, de 20 a 25 do corrente.

No próximo domingo, antecedendo o desafio Beira-Mar - União de Tomar, haverá, no Estádio de Mário Duarte, com início às 15.45 horas, um encontro amistoso de juvenis, em que se defrontam o Beira-Mar e a Aprocred.

No Campo do Forte da Barra, e com início amanhã, dia 17, o Grupo Desportivo da Gafanha leva a efeito um Torneio de Captação de Futebol — para jovens dos 13 aos 18 anos, com a finalidade de descobrir novos valores para os seus quadros.

Os Campeonatos Regionais de Natação, organizados pela Associação de Natação de Aveiro, principiaram no último sábado e prosseguiram na passada quarta-feira, com jornadas realizadas na piscina desta cidade, e termi-

(Continua na página 6)